

O trágico em Fassbinder

Francisco J. A. dos Santos *

Teria a tragédia morrido nos tempos atuais? Para Barthes, vivemos numa época nada propícia à criação de tragédias. Um tempo marcado pela "mediocracia" generalizada não é um solo favorável para a germinação deste gênero. Na contemporaneidade, a tragédia deixou de ser questão de discurso para se tornar negócio de vida na banalidade cotidiana. A paranóia atômica não nos deixa dúvidas: marchamos, qual cordeiros, para o sacrifício final.

Se a tragédia, enquanto gênero ou forma de discurso, feneceu, o trágico, como forma de consciência, continua possível, fustigando os crentes de todas as Escrituras: embate entre uma razão instituída, que se quer constituinte, e a consciência trágica desestabilizadora.

Essencialmente, "o trágico se baseia numa contradição irreconciliável. Tão logo aparece ou se torna possível uma acomodação, desaparece o trágico" (Goethe apud Leski, 1971:25). Desta forma, a consciência trágica, enquanto realização do trágico, aponta para "antimonias radicais", para a "absoluta falta de solução".

Não é difícil detectar na obra de Fassbinder a expressão desta forma de consciência. Sempre, nos seus filmes ou peças, "o herói ou heroína está cercado por figuras mais representativas de pressões, opiniões ou forças sociais".

Configura-se uma luta entre o herói e o mundo, entre o indivíduo e a sociedade, numa contradição irreconciliável a não ser pelo aniquilamento do primeiro. O desfecho é previsível: a derrota do protagonista. Este é, por exemplo, o núcleo essencial de filmes como "Uma Mulher de Negócios" — uma mulher contra toda uma sociedade machista —; "O Desespero de Veronika Voss" — o cidadão impotente frente à instituição médica e do Estado —; "Os deuses da peste" — um ex-presidiário na vã reintegração social —;

"Roleta Chinesa" — um casal prisioneiro da instituição do casamento burguês etc.

Mas este confronto herói/mundo não constitui ainda o trágico. O herói trágico precisa possuir algumas qualidades que o destaque. Na expressão de Leski (1971:27), "O sujeito da ação trágica, o que está enredado num conflito insolúvel, deve ter elevado a sua consciência (sua situação) e sofrer tudo conscientemente". Consciência pelo menos no sentido de que, às vezes, mesmo sem saber, o herói fassbinderiano se apresenta com uma insubmissão que o coloca ao lado da maioria

ou deslocado. Numa palavra, possui uma certa envergadura que o impede de voltar aos padrões medianos de normalidade. Geesche, protagonista de "Uma Mulher de Negócios", não é certamente a mulher alemã comum do século XIX. Ela possui uma personalidade resistente ao hostil mundo machista que a cerca. Desesperadamente luta para superar aquela ordem das coisas, não hesitando nem diante do assassinato da quase totalidade da família para conseguir libertar-se. A luta é vã, mas ela prossegue, até as últimas conseqüências, sua façanha. No filme, isto fica muito claro nos diálogos entre Geesche e a sua mãe como também

com sua amiga. Ambas, a mãe e a amiga, representam a acomodação do status quo machista.

A obra de Fassbinder expressa uma "visão cerradamente trágica do mundo", ou seja, uma "concepção do mundo como sede de aniquilação absoluta, inacessível a qualquer solução e inexplicável por nenhum sentido transcendente, de forças e valores que necessariamente se contrapõem" (Leski, 1971:30). Esta consciência ele a expressou numa das suas entrevistas: "... estamos caminhando para uma espécie de estado no qual eu não gostaria de viver". E mais dolorosamente: "Mas mesmo não havendo alternativas isso não significa que tenhamos que apoiar a estrutura existente..." (grifo nosso). Fassbinder, ele próprio um herói trágico, via-se enquanto lutador que se opõe ao mundo a fim de impedir a sua letargia" (Leski, 1971:40) Qual Sísifo, luta contra toda esperança. Não há nenhuma vitória possível, mas a dignidade do herói está em empenhar-se até as últimas forças. A consciência trágica não leva à inércia nihilista, ao contrário, trata-se de um pessimismo ativo. Fazer da vida algo relevante é consumir-se consciete nesta fogueira.

Faltaria apenas falar da tragédia de Fassbinder...

Referências:

- BAER, Henry. *A Vida Sufocante de Rainer Werner Fassbinder*. Trad. Márcio Suzuki, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BARTHES, Roland. "Cultura e Tragédia". Trad. C. Rocha, In: *Folha de São Paulo*, 13.04.1986 (Ilustrada), p. 9.
- LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. Trad. J. Guinsburg et alli. São Paulo: Perspectiva, 1971.

*Licenciado em História pela UFS, mestrando em Antropologia na Universidade de Brasília (UnB). Com a colaboração de Jean Robert Weissaupt, a quem o autor sinceramente agradece.